



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Movimentos Sociais e Serviço Social

Sub-eixo: Movimentos Sociais e lutas de classes – contextos nacional e internacional

JUNHO DE 2013: SOBRE SUJEITOS, CLASSES E BANDEIRAS DE LUTAS

LUIS AUGUSTO VIEIRA¹

RESUMO

O trabalho em questão, trata das manifestações de Junho de 2013 e Centrais Sindicais brasileiras, sobretudo no momento de sua eclosão, destacando quem eram as/os sujeitos/as e classes sociais que estavam nas ruas e as principais bandeiras de lutas. Como procedimentos metodológicos utilizamos de pesquisa documental e bibliográfica. Como resultado, tem-se que há semelhanças gerais e diferenças pormenorizadas no entendimento e ações das centrais.

Palavras-chave: Manifestações de Junho de 2013; Centrais Sindicais; Organizações Políticas; Passe Livre.

ABSTRACT

The work in question, deals with the manifestations of June 2013 and Brazilian Trade Union Centrals, especially at the time of their outbreak, highlighting who were the subjects and social classes that were on the streets and the main struggle flags. As methodological procedures we use documentary and bibliographical research. As a result, there are general similarities and detailed differences in the understanding and actions of the centers.

Keywords: June 2013 manifestations; Trade Union Centers; Political Organizations; Free pass.

Introdução

O presente artigo constitui parte de tese de doutorado, defendida e aprovada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP. Naquela, essencialmente, tratamos da problemática das manifestações de Junho de 2013 e como as centrais sindicais CUT, Força Sindical e a CSP-Conlutas se portaram diante de tais manifestações. Neste, todavia, o que

¹ Universidade Federal de Goiás

apresentaremos está focado no momento da eclosão das manifestações, destacando quem eram as/os sujeitos/as e classes sociais que estavam nas ruas e quais as principais bandeiras de lutas.

A escolha do tema, bem como das entidades pesquisadas, se justificam, entre outras, por constituírem como campo de investigação e estudo do pesquisador, mas também por serem uma das maiores manifestações de rua da história nacional; por se apresentarem num campo mais amplo de manifestações mundo afora; por colocar nas ruas elementos, nos aspectos ideológicos, da esquerda mais radical à direita mais conservadora e por serem as únicas manifestações de massa, que não contou com a organização de nenhuma das centrais pesquisadas (nem partidos de esquerdas, nem movimentos populares que comumente o fazem, isso desde ao menos fins da década de 1970), ou seja, tais manifestações se colocavam como um fato inédito ao país.

É mister destacar que, naquele momento da pesquisa (2019/ 2020), em decorrência da pandemia da Covid19, a ida à campo para a consulta de acervos e arquivos das centrais sindicais, se viu prejudicada, dessa feita, utilizamos prioritariamente, seus endereços eletrônicos na internet, buscando identificar: *i.* quais eram as entidades organizadoras das manifestações; *ii.* quem eram as/os sujeitos/as e classes sociais que estavam nas ruas; *iii.* quais as principais bandeiras de lutas e *iv.* quais as respostas individuais e coletivas diante dos acontecimentos (conforme sinalizado, apresentaremos neste, os itens *ii.* e *iii.*). Para tanto utilizamos de pesquisa documental e bibliográfica, nos valem de atas de reuniões, resoluções de congressos, notas de suas direções, entrevistas e artigos de opinião de seus dirigentes, matérias jornalísticas e reportagens afeitas ao tema².

Ainda como procedimentos metodológicos, por entendermos que o objeto de investigação e análise melhor se apresenta em seu movimento de formação, de aparição fenomênica e desdobramentos, dividimos temporalmente a pesquisa e aqui apresentaremos o momento de eclosão, ou *Junho de 2013*, compreendendo todo o referido mês.

No que tange à pesquisa documental, identificamos os seguintes documentos: da CUT – quatro Notas emitidas pela CUT Nacional, assinadas pelo Presidente e Secretário-geral, classificadas aqui como: Nota1, de 14 de Junho, Nota2, de 19 de Junho, Nota3, de 20 de junho, e Nota4, de 21 de junho; além de uma Resolução da Direção Nacional, de 27 de junho, e uma Nota em conjunto com as centrais sindicais, Força Sindical, CTB, UGT e NCST, de 17 de junho.

² Considerando as normatizações para a produção do artigo e a conseqüente limitação de páginas, citaremos ao final, nas *Referências bibliográficas e documental*, apenas alguns dos principais documentos pesquisados, para os demais consultar: para a CSP-Conlutas: <https://cspconlutas.org.br/noticias>, sessão *Notícias*; para a CUT: <https://www.cut.org.br/noticias>, sessão *Notícias*, e; para a Força Sindical: <https://fsindical.org.br/forca/>, sessão *Notícias da Força*.

Identificamos também documentos das CUT's estaduais e reportagens fazendo menção às manifestações.

Dos documentos da Força Sindical para o período de junho de 2013, identificamos uma única Nota emitida pela Direção Nacional, no dia 14 de junho. Outros documentos consultados foram: entrevistas com seus dirigentes, artigo de opinião dos mesmos, reportagens em seu sítio de internet (a maioria reproduzindo as notícias de outros veículos de imprensa) e matérias ligadas aos segmentos e categorias profissionais vinculados à Força. Há ainda a Nota em conjunto com as centrais sindicais: Força Sindical, CUT, CTB, UGT e NCST, de 17 de junho.

Dos documentos da CSP-Conlutas, para o período, identificamos: 1 (um) Relatório de reunião da Secretaria Executiva Nacional (SEN); 1 (um) relatório da Coordenação Nacional, além de entrevistas com seus dirigentes, artigos de opinião dos mesmos, reportagens em seu *site* com matérias ligadas ao assunto e notícias dos segmentos e categorias profissionais vinculados à CSP-Conlutas.

Destaca-se porém, que outros documentos, posterior a junho de 2013, compõem nossa leitura e análise, uma vez que os mesmos fazem referência ao período em questão.

Por fim, além do marco temporal estipulado pelo pesquisador, consideramos também os momentos dos protestos assinalados por Singer (2013), ou: o primeiro momento, *do protesto popular*, entre os dias 6 e 13 de junho; o segundo momento, *da massificação dos protestos*, entre os dias 17 e 20 de junho, e o terceiro momento, ou a etapa final, *da fragmentação dos protestos*, do dia 21 até o final de junho. (Singer, 2013).

Dos resultados obtidos, tem-se que, de forma geral, as Manifestações de Junho se aproximam nas leituras da CUT e Força Sindical e apresenta diferenças quanto à CSP-Conlutas, no entanto, quando se vai às questões mais pormenorizadas, tende-se a aparecer maiores diferenças entre as três centrais, com destaque às interpretações da CSP-Conlutas – conforme observaremos nas *Considerações Finais* deste.

1. Dos Sujeitos e Classes Sociais

Na tentativa de identificar quem eram as/os participantes daquele processo, procuramos referências aos *sujeitos* e as *classes sociais*, que melhor elucidassem a questão. Era sabido que estudantes e juventudes eram as/os sujeitos por excelência: mas eram apenas essas/es?



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Na Nota1, da CUT, lê-se que eram “milhares de pessoas nas ruas”, “trabalhadores e trabalhadoras do estado de São Paulo e outras regiões do País”, ou vagamente a “sociedade”. Por força do reconhecimento da violência policial, a CUT tratou de identificar também a presença de “grupos isolados” (geralmente violentos) entre as/os manifestantes. (CUT-Nacional, 2013a). Na Nota2, de 19 de junho, lê-se apenas que eram “manifestantes”. E na Nota4, além de “milhares de pessoas nas ruas”, a referência maior se dá aos “grupos isolados contrários à democracia”. (CUT-Nacional, 2013c). A pergunta que fica é: para a CUT, quem eram os grupos isolados contrários à democracia? Não apresentaram respostas.

De acordo com a Resolução da Direção Nacional, de 27 de junho, tratou-se da mobilização de “milhões em todo o país”, ou das “massas na rua”, além da mídia e setores conservadores de direita. (CUT-Nacional, 2013f).

Dessa feita, segundo os documentos consultados, os/as sujeitos presentes nos protestos eram, “milhares de pessoas nas ruas”, a “sociedade”, os “manifestantes”, as “massas”, passando por “trabalhadores e trabalhadoras”, “grupos isolados contrários à democracia”, a mídia e os setores conservadores de direita.

Percebe-se que o apelo à classe se fez presente no momento de reconhecimento dos sujeitos em questão, mas não parecera ter centralidade nas análises. Chama a atenção as/os estudantes e a juventude³ não constarem entre os manifestantes, além da ausência de aprofundamento das outras referências “sociedade, massa, manifestantes”, que melhor elucidassem a questão.

Quanto à Força Sindical, sua única Nota, de 14 de junho, também não faz nenhuma menção as/os sujeitos e classes sociais naquele processo. A identificação se dará pela Nota emitida em conjunto com as demais centrais, em 17 de junho, onde se lê que:

A luta contra o aumento das passagens em curso em todo o país expressa a insatisfação dos *trabalhadores* e do *povo* [...]. Mais do que uma reação contra as tarifas, as manifestações mostram que os/as *trabalhadores/as*, *estudantes* e a *sociedade como um todo*, não [...]. (Assessoria de Imprensa da Força Sindical, 2013, grifos do autor).

Assim, embora a Força não explicita sua posição num documento que fosse apenas seu, ao assinar uma nota em conjunto, pressupomos que aceite seus termos e demonstre seu entendimento. Dessa feita, estariam nas ruas, como classe, os “trabalhadores”, e como demais

³ Estes figurarão como sujeito na nota conjunta emitida pelas centrais sindicais em 25 de junho, mas não de forma isolada nas considerações da CUT.

sujeitos, as/os “estudantes”, até desembocar na genericidade do “povo” e na definição nada precisa da “sociedade como um todo”, mas ainda assim, numa nota conjunta e não exclusivamente sua.

Outra menção será numa notícia da Força, veiculada pelo Jornal do Brasil, em 25 de junho, onde se lê que:

De acordo com assessores da entidade [Força Sindical], com a ida dos jovens para as ruas, há uma grande chance desse projeto entrar na pauta das manifestações justamente por prejudicar ainda mais os trabalhadores que estão ingressando no mercado. (Jornal do Brasil, 2013).

Aqui vemos como sujeitos as/os jovens que ingressariam no mercado de trabalho e seriam prejudicadas/os por projetos como os da Terceirização.

Há também artigos de opinião do então presidente da central comentando as Rebeliões, e seus participantes: “[...] não nos surpreende as grandes manifestações de protesto promovidas pelo povo brasileiro [...]”. (Silva, 2013). No caso, as manifestações de protestos eram promovidas pelo “povo brasileiro”. Ou ainda:

O Brasil vive um momento importante de lutas sociais, com a população, os jovens, os aposentados, os estudantes e os trabalhadores indo às ruas para reivindicar mais direitos, inclusão social, cidadania, melhorias urbanas e mais qualidade de vida. (Silva, 2013).

Mais uma vez, há um percurso que vai da genericidade da população aos jovens, aposentados, estudantes, até desembocar nas/nos trabalhadoras/es como manifestantes.

Em suma, conforme se constata, não estava no horizonte da Força a preocupação com a formulação mais precisa de quem eram as organizações e as/os sujeitos partícipes daquele processo. Num momento, era a classe, ou as/os “trabalhadores”, noutro as/os “estudantes”, as/os “jovens”, as/os “aposentados”, o “povo brasileiro” ou a “sociedade como um todo”.

Tal leitura se expressa, ainda, em sua única nota exclusiva, quando da ausência explícita sobre quem eram estas organizações e sujeitos. Expressa-se também no fato de sempre recorrerem, ou a matérias e posições de e com terceiros, ou ainda às posições individuais de seus dirigentes.

Na compreensão da CSP-Conlutas, no primeiro momento, as/os estudantes eram a sua vanguarda “[...] a população está se cansando desta situação e os estudantes estão tomando a frente neste sentimento coletivo de indignação” (CSP-Conlutas. 2013h). E continuam:

Foi a partir desse ponto, assim que os manifestantes chegaram à Avenida Marginal Pinheiros, no sentido Castelo Branco, que a PM assumiu sua posição de ataque. Esperou os estudantes passarem, para de maneira covarde os atacar por trás. (CSP-Conlutas, 2013j).

A ressalva de que havia mais gente nesse processo adveio da Carta de 11 de junho, da *Frente de Luta Contra o Aumento das Passagens*, da qual a CSP fazia parte, agora estendendo para *Estudantes e Trabalhadores* (com destaque aos metroviários):

Nós, estudantes e trabalhadores, escrevemos essa carta para reafirmar nossa postura de unificação entre toda a população contra o aumento das passagens [...].
Os metroviários estão junto aos estudantes e outros trabalhadores na luta contra o aumento das passagens. [...]
Estamos juntos com os trabalhadores metroviários e chamamos os demais trabalhadores e estudantes a se incorporarem nos nossos atos e nessa luta conosco! (Frente de Luta Contra o Aumento da Passagem, 2013).

No entanto, mesmo com a ressalva da Carta, a CSP classificava como sujeitos prioritários dos atos as/os estudantes, como se lê em matéria de 12 de junho. E segue reconhecendo o protagonismo das/dos estudantes em boletim especial de junho: “Estudantes vão para as ruas barrar alta nos preços nas passagens”. (CSP-Conlutas, 2013h).

Certamente, pela composição majoritária de jovens e estudantes até aquele momento dos protestos, ficava difícil reconhecer outros/as sujeitos em cena. Mas ao observar as entidades que organizavam as manifestações, comprova-se que havia mais gente nas ruas. Em 14 de junho, embora a referência seja ainda ao primeiro momento dos protestos, novamente, outros sujeitos entram em ação:

Os governos desses estados usaram seu braço de ferro, a polícia, contra trabalhadores e estudantes que estão tomando as ruas em protesto, direito legítimo! [...] Os vinte centavos de aumento nas tarifas do transporte coletivo foram a gota d’água que despertou a consciência de milhares de jovens trabalhadores e estudantes. (CSP-Conlutas, 2013k).

Juntos das/dos estudantes, as/os trabalhadoras/es estavam tomando as ruas, ou ainda, milhares de jovens trabalhadores e estudantes. A leitura da composição de quem estava nas ruas não se fazia das mais fáceis, mas aqui se observa uma leitura mais precisa.

Estando agora no segundo momento dos protestos, ou no momento de sua *massificação* (Singer, 2013), em 17 de junho, quando mais de 250 mil pessoas saíram às ruas para se manifestar (CSP-Conlutas, 2013n). Saem de cena as/os *estudantes*, e a *juventude* passa a ter o protagonismo no processo. (CSP-Conlutas, 2013v).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Num chamado de 23 de junho, já no terceiro momento, ou da *fragmentação* dos protestos (Singer, 2013), a compreensão sobre a composição das manifestações passa da *juventude* para um processo de *mobilização popular* mais amplo, sem especificar ao certo quem estava nas ruas, apenas seu caráter popular.

A juventude brasileira deu o exemplo e foi às ruas protestar contra o preço e a qualidade do transporte coletivo nas grandes cidades. Desencadeou com isso um amplo processo de mobilização popular que sacudiu o Brasil nos últimos dias [...]. (CSP-Conlutas, 2013q).

De fato, com a massificação, tem-se um incremento na composição das/os manifestantes, e sua vanguarda fica ofuscada nesse momento. Todavia a etnografia traçada por Singer (2013) não deixa dúvidas sobre o caráter juvenil das/os manifestantes. Ao observar suas pautas, eram as juventudes da classe trabalhadora que ali protestavam.

A CSP, por sua vez, continuava reforçando a tese da juventude à frente dos protestos, com a compreensão de que a classe trabalhadora, de forma organizada, precisava ocupar seu lugar em defesa de suas reivindicações. (CSP-Conlutas, 2013n).

Tal indefinição quanto aos sujeitos, sobretudo, no momento de massificação dos protestos, ocorre até a reunião da Coordenação Nacional, de 8 de julho, quando a formulação passa para *mobilizações populares multitudinárias*, com a leitura de que, no primeiro momento, o protagonismo foi da juventude:

1- Tivemos um mês de junho marcado por mobilizações populares multitudinárias que abriram uma nova situação política no país. De 6 a 12 de junho, mobilizações da juventude, na luta contra o aumento das tarifas, cresceram progressivamente em São Paulo até que, no dia 13, uma violenta repressão policial indignou o país e preparou as bases da massificação do movimento. [...]

3- Nos dias que se seguiram, mais de dois milhões de pessoas foram às ruas, em passeatas, superando as mobilizações do Fora Collor. (CSP-CONLUTAS, 2013x).

E na mesma reunião, além do caráter multitudinário, a avaliação era que as mobilizações da juventude contaram com a participação da classe trabalhadora, aquela que se inscrevia num quadro mais amplo de mobilizações mundo afora:

As mobilizações da juventude e da classe trabalhadora brasileira, que estão em curso, são parte indissociável das lutas dos trabalhadores e jovens que também se verificam no norte da África e Oriente Médio, na Europa e em outras regiões do planeta. São expressões da resistência dos explorados e oprimidos de todo o mundo contra as mazelas que o capitalismo impõe a todos e todas que vivem do trabalho. (CSP-Conlutas. 2013y).

Aqui, figuravam a juventude, a classe trabalhadora, as/os exploradas/os, oprimidas/os, todas e todos que vivem do trabalho. Com isso, entendemos que o sentido classista reivindicado às manifestações estava presente. De forma inédita, também, há relação entre as manifestações brasileiras e as demais, mundo afora. Assim, finalmente, o Brasil entrava no grupo mais amplo de países cuja população ocupava as ruas. Noutros documentos publicados a posteriori, o mesmo entendimento é ressaltado.(CSP-Conlutas, 2013y; CSP-Conlutas, 2013a2).

Contradições à parte, não deixa de chamar a atenção que a classe trabalhadora organizada, segundo a CSP, vai entrar nas manifestações no momento de sua dispersão.

Num documento de 30 de setembro, tal afirmativa voltava a aparecer nas elaborações da Central: “Não foi à toa que jovens tomaram as ruas do Brasil em junho deste ano [...]. As mobilizações contagiaram também os trabalhadores. Houve paralisações nacionais [...] convocadas pelas Centrais Sindicais”. (CSP-Conlutas, 2013a7). Ou seja, para a CSP-Conlutas, as/os trabalhadoras/es entraram naquele processo a partir da inserção das Centrais Sindicais.

No final do ano de 2013, o relatório da Coordenação Nacional vai apontar que aquele processo teve a “[...] participação de milhares de pessoas, [com] a juventude em sua maioria [...]”, e o reconhecimento de que se trataram de manifestações e ações multitudinárias. (CSP-Conlutas, 2013a9, s/p). Nota-se a CSP calibrando suas análises e definindo melhor os sujeitos em ação – a juventude inicia a luta e as/os trabalhadoras/es se tornam parte do processo.

Conforme demonstrado, a leitura de quem estava nas ruas de forma imediata e a curto prazo, não se fez tarefa das mais fáceis. Percebe-se que, mesmo para a CSP, que apoiava e participava das manifestações antes da explosão de junho, a compreensão se equivocava nalguns momentos e oscilava noutros: os equívocos e oscilações ocorrerão a partir do momento em que o protagonismo das organizações da classe se confunde com a sua não participação (as organizações das/os trabalhadoras/es, mesmo as sindicais, estiveram nas ruas, mas não eram hegemônicas), ou ainda com a não participação da classe trabalhadora (a juventude, as/os estudantes e a multidão que majoravam as manifestações eram de trabalhadores e trabalhadoras, sobretudo, os precários, suas pautas demonstravam isso).

Ainda assim entendemos que foi acertada a avaliação da participação das/os estudantes e da juventude como vanguarda, num primeiro momento. Assim como o caráter multitudinário das manifestações.

Sumariando o apresentado podemos dizer que, na percepção das centrais, as/os estudantes e juventudes foram as/os sujeitos por excelência daquele processo – mesmo que não



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

figurem em documentos exclusivos da Força Sindical e da CUT. A classe trabalhadora é reivindicada pelas três Centrais como partícipe. Generalidades, tais como, povo, massa, multidão se fazem presentes e, com certa dubiedade e incertezas, a CSP-Conlutas prioriza as/os jovens estudantes e trabalhadoras/es e o caráter multitudinário das manifestações que compuseram aquele processo.

2. Das Pautas e Bandeiras de Lutas

No que tange às pautas e bandeiras de lutas, num primeiro momento, na Nota¹, da CUT, identificou-se a “contrariedade das tarifas dos transportes coletivos”, tendo como mote inicial, a “redução da tarifa inferior a cinquenta centavos”. Todavia a “questão da mobilidade urbana” foi logo anunciada como a “real razão dos atos”, denunciando as “[...] longas e intermináveis filas de espera por ônibus, trens e metrô sempre lotados e de péssima qualidade para ir e voltar do trabalho.” (CUT-Nacional, 2013a).

Com o avanço das mobilizações e sua miríade de pautas, a Nota⁴ e a Resolução da Direção Nacional da CUT (2013), ao denunciar a presença de “grupos isolados contrários” indicava que eles levavam para as ruas pautas conservadoras “[...] que apontam para o retrocesso, o preconceito, a intolerância e estimulam o ódio de classe”. (CUT-Nacional, 2013c). E na mesma Resolução, além da redução das tarifas e do transporte público, a questão da “[...] saúde e educação pública de qualidade, [o] descontentamento com a forma como as instituições políticas [estavam] funcionando [...]”, ou bandeiras mais abrangentes, passaram a ser reconhecidas e mencionadas. Paralelo e junto, a CUT apontava a presença da “[...] questão da reforma política [que] saiu da paralisia [...] e está posta para o amplo debate na sociedade” – ou, sua bandeira de luta. (CUT-Nacional, 2013f).

Estando agora em agosto de 2013, chama atenção a entrevista concedida pelo presidente da CUT ao Portal de informações da Central:

PORTAL – Sem essa consciência, mas por causa de problemas como esses, *manifestantes foram às ruas em junho protestar contra tudo e todos*, chegando, inclusive, a rejeitar a presença de partidos, políticos e até de centrais. Como a CUT viu esse movimento inédito?
VAGNER FREITAS – Dez anos de crescimento econômico, PIB (Produto Interno Bruto) aquecido, sexta economia mundial, País como referência internacional em vários setores. Isso tudo mostra que, da porta para dentro da casa do trabalhador, a vida melhorou muito mesmo. Comprou fogão, geladeira, colocou os filhos na escola particular, comprou carro, voltou à faculdade, mas, da porta da casa dele para fora, a vida ainda é um inferno. Isso acontece porque teve e ainda há um crescimento que demanda mais e melhores estruturas,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

ou seja, serviço público, e tem como responsável o Estado brasileiro. Talvez hoje seja muito mais importante se dedicar até o fim a uma luta por transporte público que realmente melhore o patamar de vida a sociedade do que a uma campanha salarial por 2% de aumento real. Essa visão (boa) que a CUT tem, e sempre teve, está mais enfatizada na cabeça dos dirigentes cutistas, principalmente depois das manifestações de junho. (Freitas, 2013).

Em seu enunciado, o Portal dá vazão à interpretação e fala corrente, a de que “as/os manifestantes eram contra tudo e contra todos” – como se a miríade de bandeiras de lutas fosse simplesmente *do contra*. No entanto, em sua resposta, Freitas, contemporizando o enunciado pelo Portal, afirma que a questão estava da “porta para fora”, com a vida sendo um “inferno”, denunciando a necessidade de melhores estruturas, e serviços públicos, com o transporte público sendo central⁴. Na análise, a questão que se colocava era a de que o povo havia conquistado avanços e agora queria mais – uma das interpretações de setores alinhados ao petismo.

No entanto, ainda que Freitas não reconheça, da “porta para dentro”, os bens de consumo eram às custas de sacrifícios que consumiam grande parte dos baixos salários e submetiam as/os trabalhadoras/es a dívidas que se estendiam por anos. Muitas delas ficavam em aberto e tinham que ser renegociadas com mais juros. A vida não estava tão boa assim, da porta para dentro.

Numa última nota sobre a questão, a Executiva Nacional da CUT, reunida em dezembro de 2013, afirmará que as manifestações reivindicavam o acesso “[...] a serviços públicos essenciais de melhor qualidade nas áreas da mobilidade urbana, educação, saúde e segurança”. (Direção Executiva Nacional CUT, 2013, s/p) – nada de novo no *front*.

No que tange à Força Sindical, na Nota da Direção Nacional, os protestos serão, primeiramente, “contra o aumento das tarifas do transporte público”, reconhecendo que: “[...] a mobilidade urbana é um dos fatores que mais influencia a qualidade de vida dos trabalhadores e de suas famílias. Transporte público de qualidade é um direito de todos”. (Assessoria de Imprensa da Força Sindical, 2013).

A redução das tarifas é o foco dos protestos, e que está relacionada à questão da mobilidade urbana e ao direito de um transporte de qualidade.

⁴ Sobre a mesma questão, mas com abordagem diferente, Rolnik (2013) afirma que: “Isso se deu em prol de uma coalizão pelo crescimento que articulou estratégias keynesianas de geração de emprego e aumentos salariais a um modelo de desenvolvimento urbano neoliberal, voltado única e exclusivamente para facilitar a ação do mercado e abrir frentes de expansão do capital financeirizado, do qual o projeto Copa/Olimpíadas é a expressão mais recente [...] e radical. Entretanto não se compra o direito à cidade em concessionárias de automóveis e no Feirão da Caixa: o aumento de renda, que possibilita o crescimento do consumo, não ‘resolve’ nem o problema da falta de urbanidade nem a precariedade dos serviços públicos de educação e saúde, muito menos a inexistência total de sistemas integrados eficientes e acessíveis de transporte ou a enorme fragmentação representada pela dualidade da nossa condição urbana (favela versus asfalto, legal versus ilegal, permanente versus provisório).” (Rolnik, 2013, p. 9).

Noutro momento, recorrendo à fala de um de seus dirigentes (Secretário-geral), e na mesma linha interpretativa da nota, aparecerá o “transporte coletivo ruim” como uma das bandeiras dos protestos. (Assessoria de Imprensa da Força Sindical, 2013).

No entanto, o mesmo secretário, ao comentar sua participação com outras centrais e movimentos, na reunião extraordinária do Conselho da Cidade de São Paulo, cuja pauta era a redução da tarifa de ônibus, afirmará que:

João Carlos Gonçalves, o Juruna, secretário-geral da Força Sindical, afirma que, por conta da grande formalização do mercado de trabalho e das conquistas de benefícios como o vale transporte, o preço das passagens não impacta mais de maneira tão direta no bolso do trabalhador.

Por isso, continua, não está entre as discussões fundamentais da central. A mobilidade urbana, porém, é um assunto considerado importante para a entidade [...]. (Valor Econômico e assessoria de Imprensa da Força Sindical, 2013).

Como se constata, segundo o secretário, a pauta da redução das tarifas não se colocava como preocupação da Central, uma vez que a formalização da força de trabalho e benefícios adquiridos faziam com que o aumento das tarifas de transporte não impactasse de forma tão direta os rendimentos do trabalhador, sendo o contrário, com a questão da “mobilidade urbana”.

Em nossa análise, a contradição se apresenta ao valorizar a questão da mobilidade urbana e minorar o valor das passagens de ônibus. Para nos ater a alguns dos aspectos, em sociedades onde o transporte público é privatizado, como é possível reajustes de valores não impactar na questão da mobilidade urbana?

Além do que, a posição do secretário-geral (por conseguinte, da Força, uma vez que o mesmo era seu porta-voz na reunião) reforça o completo desconhecimento de quem estava nas ruas. Qualquer pesquisa captada no calor do momento demonstrava que a maioria das/dos presentes não era de desempregados e desempregadas, mas de trabalhadores e trabalhadoras, precários e formais (Braga, 2017). Ademais, o preço da passagem de ônibus impactava não só a vida do/a trabalhador/a inserido/a no mercado de trabalho, mas também de toda sua família. É largamente sabido, por exemplo, que os vales-transporte, refeição e outros benefícios adquiridos pelos trabalhadores e trabalhadoras são negociados no mercado paralelo como forma de complemento de renda. Logo, aumentar ou diminuir seu valor vai interessar ao/à trabalhador/a formal. E concordando com o MPL:

Para a maior parte da população explorada nos ônibus, o dinheiro para a condução não é suficiente para pagar mais do que as viagens entre a casa, na periferia, e o trabalho, no

centro: a circulação do trabalhador é limitada, portanto, à sua condição de mercadoria, de força de trabalho. (MPL, 2013, p. 15).

E os reajustes de tarifas impactam, diretamente, sobre isso.

Outra menção às bandeiras de luta ocorrerá por meio da nota em conjunto com as centrais, onde se lê que era contra “as condições desumanas no transporte” e “o preço elevado das tarifas”, além do que: “Mais do que uma reação contra as tarifas, as manifestações mostram [que a população] não admitem mais o descaso com questões como a falta de políticas de mobilidade urbana e melhoria urgente da qualidade do transporte coletivo.” (Assessoria de Imprensa da Força Sindical, 2013). Nada além disso.

Quanto à CSP-Conlutas, a exemplo das demais Centrais pesquisadas e tomando São Paulo, capital como referência, num primeiro momento os protestos são “[...] uma manifestação contra o aumento das passagens de R\$ 3,00 para R\$ 3,20.” (CSP-Conlutas, 2013h). Tal compreensão perpassará todo o primeiro momento dos protestos, tendo o mesmo entendimento, seja na capital paulista, seja nacionalmente:

A luta contra o aumento da passagem é nacional [...]. Em diversas capitais do país estudantes e movimentos sociais que estão indo às ruas contra o aumento da passagem [...].

A manifestação contra o aumento das passagens toma proporções nacionais e se enfrenta com as políticas que impõem aos trabalhadores reajustes abusivos nos serviços públicos essenciais, como no caso do transporte público. (CSP-Conlutas, 2013i).

A pauta se ampliará a partir dos protestos noticiados em 19 de Junho – segundo momento, ou de sua massificação (Singer, 2013): “A população tem aproveitado para também lutar nas ruas por melhorias na Educação, Saúde, Segurança entre outras demandas.” (CSP-Conlutas, 2013v).

Pela primeira vez, fizeram-se presentes reivindicações por melhorias nas políticas públicas para além da redução das tarifas de transportes. Desse momento em diante, a pauta se ampliará e uma miríade de reivindicações passa a povoar as manifestações:

Ficou evidente durante os protestos que a questão do preço das passagens foi o estopim. Mas as manifestações expressaram insatisfação com uma série de outras demandas que envolvem a vida dos trabalhadores e da população em geral.

Questões como os gastos com a Copa em contraposição aos investimentos em transporte, saúde e educação, entraram na pauta dos protestos. Não à corrupção e à carestia, também apareciam nos cartazes. (CSP-Conlutas, 2013n).

Em consonância com as denúncias que fazia, a CSP interpretou corretamente que eram insatisfações mais gerais da classe trabalhadora que chegavam às ruas. Destaque aos gastos



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

com a Copa do Mundo da FIFA. Esta que já era bandeira de luta de diversas entidades, dentre as quais a própria Central⁵ – e contra a corrupção.

Daí em diante, essa será a tônica da Central em relação às bandeiras de lutas, partindo do reconhecimento dos protestos contra o preço e qualidade do transporte coletivo, até “[...] contra todas as mazelas que têm afligido a vida dos trabalhadores, trabalhadoras e da juventude”. (CSP-Conlutas, 2013p).

A ampliação da pauta fica mais evidente na miríade de bandeiras de lutas apresentadas quando da convocação das manifestações em 11 de julho: “[...] transporte, saúde, educação, moradia, inflação, violência policial, corrupção, desmandos dos políticos, entre muitas outras”. (CSP-Conlutas. 2013x). Destaque aqui para a inflação e a denúncia da violência policial. O que se percebe é que à medida que se afastam de junho, novas demandas são incorporadas. Na reunião da Coordenação Nacional, em 8 de julho, lê-se:

2- A partir da gota d’água que foi a luta do transporte, desagua-se um mar de demandas que abrangeu o conjunto das insatisfações acumuladas nos diversos setores da juventude e da população. Para além das questões econômicas propriamente ditas também a violência machista contra as mulheres, a violência policial que provoca o genocídio negro nas periferias e a violência que assassina a população LGBT é parte das indignações que levam esses setores para as mobilizações. (CSP-Conlutas, 2103y).

Como se nota, questões de ordem econômica, a violência machista contra as mulheres, a violência policial e a violência contra a população LGBT também se apresentarão como bandeira das lutas de Junho.

Numa leitura menos focada em questões imediatas, ou nas expressões da “questão social”, a CSP denuncia que o que ocorria eram demonstrações de resistência das/os trabalhadoras/es a nível mundial, contra os efeitos nefastos do capitalismo:

Nossa luta é a mesma, no Brasil, no norte da África e Oriente Médio, na Europa, em todo o mundo. Assim como os inimigos e obstáculos que teremos de superar e derrotar, em todas as partes, são os mesmos: o imperialismo, os grandes grupos capitalistas que controlam o planeta e os governos que os representam. [...] Abaixo a exploração e opressão capitalista! (CSP-Conlutas, 2013y).

Era a pauta imediata das ruas denunciando as mazelas do capitalismo, do imperialismo, da opressão e a dominação dos grandes grupos econômicos contra aqueles que vivem da venda

⁵ Em setembro, num boletim conjunto, novamente a questão dos gastos com a Copa se farão presentes: “Não foi à toa que jovens tomaram as ruas do Brasil em junho deste ano tendo entre suas principais bandeiras ‘Da Copa eu abro mão, eu quero mais dinheiro para a saúde e a educação’”. (CSP-Conlutas, 2013a7).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

de sua força de trabalho, ou seja, a classe trabalhadora. Era o classismo e o internacionalismo reivindicados pela CSP se fazendo presentes.

Por fim, agora em novembro, a reunião da Coordenação Nacional apontou como bandeiras de Junho:

[...] uma série de reivindicações dos governos de plantão, inclusive com fortes questionamentos políticos expressos na denúncia generalizada da 'classe política' [...]. As mobilizações de junho obrigaram, num primeiro momento, a que o governo Dilma, em base a uma queda espetacular nos índices de popularidade, e o Congresso Nacional fizessem concessões como o aumento das verbas para educação e saúde e o fim da PEC 37, [...] seguiu o processo de mobilizações em centenas de cidades, por temas os mais variados possíveis, desde o Fora Feliciano, Passe Livre, contra o Ato Médico, até as reivindicações populares locais. (CSP-Conlutas, 2013a9).

Chama a atenção não se figurar em destaque a questão urbana, ou pautas relacionadas às questões que afligem o dia a dia nas grandes cidades, como a mobilidade urbana, o saneamento, a moradia, dentre outras⁶.

Assim, dos temas elencados, a bandeira pela redução das tarifas de transportes será o disparador para todas as Centrais. Nesse sentido, à medida que as manifestações avançavam, uma série de outras reivindicações iam se somando, tais como saúde, educação, mobilidade urbana, dentre outras. Numa leitura mais acurada, a CSP-Conlutas denuncia as mazelas do sistema capitalista.

Considerações finais

Pode-se dizer que para a CUT, de forma imediata, as manifestações, na sua maioria, eram compostas pelos/as trabalhadores/as; genericamente por milhares, pelo povo, agregando a esses/as, setores violentos, conservadores e reacionários; além da mídia tradicional. Curiosamente, os jovens não aparecem, nem como promotores e nem como a maioria dos partícipes.

Suas bandeiras de lutas a princípio, era pela redução da tarifa de transporte, a qual denunciava a tal questão urbana. Reconhecia, a medida que as manifestações iam avançando,

⁶ A questão da Reforma Urbana foi tema de debate na abertura dos trabalhos da Secretaria-Executiva Nacional em Setembro: "Urgência de reforma urbana é tema de debate. A mesa do domingo de manhã foi cenário de um debate riquíssimo sobre reforma urbana. Na mesa, Helena Silvestre, do Luta Popular, e Paulo Rizzo, do Andes-SN, abordaram o tema sob diversos aspectos." (Informativo da Secretaria Executiva Nacional, 2013). Nada mais.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

que reivindicações pela melhora das políticas públicas, com destaque para a saúde e educação, se fizeram presentes, além de pautas conservadoras e reacionárias.

Para a Força Sindical (além das dificuldades em análises e proposições próprias), conforme se constata, não estava no seu horizonte de preocupações a formulação mais precisa de quem eram as/os sujeitos nas ruas. Num momento, era a classe, ou as/os “trabalhadores”, noutro as/os “estudantes”, as/os “jovens”, as/os “aposentados”, o “povo brasileiro” ou a “sociedade como um todo” – sempre genéricos e nada precisos. Quanto as pautas se referiam: à redução das tarifas dos transportes e suas condições desumanas; o preço elevado das tarifas frente aos serviços prestados, e ao descaso dos governantes com questões referentes às políticas de mobilidade urbana que, segundo a Central, embora importantes, não eram prioritárias para a mesma.

Já para a CSP, figuraram como sujeitos das manifestações, num primeiro momento, as/os estudantes, a juventude, trabalhadores e trabalhadoras, até adquirir um caráter de manifestações populares e se melhor enquadrar como manifestações de caráter multitudinárias; tiveram como pautas iniciais a redução das tarifas de ônibus, para no seu momento de massificação incorporar novas pautas, principalmente, as de maior acesso e melhorias das políticas públicas e sociais – com forte apelo às obras dos megaeventos que se avizinhavam; como características gerais, a violência do Estado via polícia militar, o reconhecimento das manifestações serem de caráter nacional, as reduções das passagens sendo alcançadas, a inserção do Brasil no cenário internacional de manifestações e o agravamento da crise econômica e política.

Tem-se de forma geral, que as análises e compreensão acerca das Manifestações de Junho de 2013, se aproximam nas leituras da CUT e Força Sindical e apresenta diferenças quanto à CSP-Conlutas, no entanto, quando se vai às questões mais pormenorizadas, tende-se a aparecer maiores diferenças entre as três centrais, com destaque às interpretações da CSP-Conlutas, conforme se observou anteriormente.

No mais, e parafraseando o filósofo Slavoj Žižek (2013), havia problemas no paraíso e as Centrais Sindicais, como representação clássica dos/as trabalhadores/as, não só, não eram quem organizavam as manifestações, como tiveram dificuldades de interpretá-las e nem passaram perto de dirigi-las.

Referências bibliográficas e documental



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

ASSESSORIA DE IMPRENSA DA FORÇA SINDICAL. *Nota das centrais sindicais sobre as manifestações contra o aumento das passagens urbanas*. São Paulo, 21 jun. 2013. Disponível em: <https://fsindical.org.br/forca/nota-das-centrais-sindicais-sobre-as-manifestacoes-contr-o-aumento-das-passagens-urbanas> Acesso em: 17 jul. 2020.

BRAGA, Ruy. *A rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global*. São Paulo: Boitempo, 2017.

CSP-CONLUTAS. *Principais resoluções aprovadas pela Coordenação Nacional da CSP-Conlutas*. [S/l], 08 jul. 2013x. Disponível em: <http://cspconlutas.org.br/2013/07/confira-as-principais-resolucoes-aprovadas-pela-coordenacao-nacional-da-csp-conlutas/> Acesso em: 17 jun. 2020.

_____. *Relatório da reunião da Coordenação Nacional da CSP-Conlutas que ocorre de 22 a 24/11*. [S/L], 28 nov. 2013a9, S/P. Disponível em: <http://cspconlutas.org.br/2013/11/relatorio-da-reuniao-da-coordenacao-nacional-da-csp-conlutas/> Acesso em: 22 jun. 2020.

CUT-NACIONAL. *Nota Oficial*. São Paulo, 14 jun. 2013a. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/nota-da-cut-sobre-os-episodios-relativos-a-tarifa-de-transporte-coletivo-dd5c> Acesso em: 12 maio 2020.

_____. *Nota Oficial*. São Paulo, 19 jun. 2013c. Disponível em: <https://sp.cut.org.br/noticias/nota-da-cut-em-defesa-da-democracia-fab9> Acesso em: 12 maio 2020.

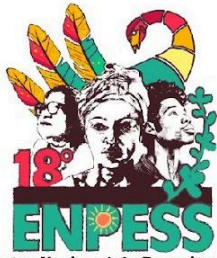
_____. *Resolução da Direção Nacional*. São Paulo, 27 jun. 2013f. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/resolucao-da-direcao-nacional-da-cut-384f> Acesso em: 14 maio 2020.

DIREÇÃO EXECUTIVA NACIONAL CUT. *Resolução da Executiva Nacional da CUT*. São Paulo, 23 dez. 2013.

FREITAS, Vagner. *30 anos: integra da entrevista do presidente*. [Entrevista cedida a] Vanilda Oliveira. CUT-Nacional, São Paulo, 27 ago. 2013. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/30-anos-integra-da-entrevista-do-presidente-nacional-da-cut-6383> Acesso em: 18 maio 2020.

FRENTE DE LUTA CONTRA O AUMENTO DA PASSAGEM. *Nota: A luta contra o aumento das passagens é de toda a população*. 11 de Jun de 2013j. Disponível em: <http://cspconlutas.org.br/2013/06/a-luta-contr-o-aumento-das-passagens-e-de-toda-a-populacao/> Acesso em: 14 de Ago. de 2020.

MOVIMENTO PASSE LIVRE. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. In: *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013, pp. 13-18.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

ROLNIK, Raquel. Apresentação – As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In: *Cidades Rebeldes*. São Paulo: Boitempo, 2013, pp.7-12.

SILVA, Paulo Pereira da. *Centrais sindicais prometem fazer manifestações e greves em julho*. Palavra do Presidente. São Paulo, 27 jun. 2013. Disponível em: <https://fsindical.org.br/palavra-do-presidente/centrais-sindicais-prometem-fazer-manifestacoes-e-greves-em-julho>. Acesso em: 17 jul. 2020.

SINGER, André. *Brasil, Junho de 2013*. Classes e ideologias cruzadas. Novos Estudos Cebrap, 97, Nov., 2013. pp. 23-40.

ZIZEK, Slavoj. *Problemas no Paraíso*. São Paulo: Blog da Boitempo, 2013.